



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**



SUZANA SAAB DE SOUZA ZARSKE

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MÃES E PAIS DE BEBÊS: ASSOCIAÇÕES COM
O PROCESSO DE VINCULAÇÃO**

DOURADOS/MS

2020

RESSALVA

Partes integrantes da presente dissertação foram ocultadas, a pedido da autora, até 27/04/2022.

SUZANA SAAB DE SOUZA ZARSKÉ

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MÃES E PAIS DE BEBÊS: ASSOCIAÇÕES COM O
PROCESSO DE VINCULAÇÃO**

Pesquisa apresentada para defesa de mestrado
no Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
na linha de Processos Comportamentais e
Cognitivos, sob orientação da Prof.^a Dr.^a
Veronica Aparecida Pereira.

DOURADOS/MS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Z38p Zarske, Suzana Saab De Souza

Práticas Parentais de Mães e Pais de Bebês: Associações com o Processo de Vinculação [recurso eletrônico] / Suzana Saab De Souza Zarske. -- 2020.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Veronica Aparecida Pereira.

Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Práticas Parentais. 2. relação mãe-bebê. 3. relação pai-bebê. I. Pereira, Veronica Aparecida.
II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Dissertação de Mestrado

**PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MÃES E PAIS DE BEBÊS: ASSOCIAÇÕES COM O
PROCESSO DE VINCULAÇÃO**

Acadêmica: Suzana Saab de Souza Zarske

Data da Defesa: 27/04/2020

Resultado: Aprovada

Banca Examinadora:

Profª Drª Veronica Aparecida Pereira (Presidente – Orientadora)

Profª Drª Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues (Unesp-Bauru-SP)

Profª Drª Aline Máira da Silva (UFGD-PPGEdu)

Dedicatória

Dedico essa dissertação à minha linda família e a todos os pais e mães que dispensam cuidados sobre seus filhos, encarando todos os dias os desafios da maternidade e paternidade.

Agradecimentos

À Deus, pela vida, pela proteção e pelas oportunidades proporcionadas.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, pelas trocas, pelos diálogos, pelas experiências. Por me ensinarem desde cedo o valor do conhecimento, do esforço e da dedicação. Obrigada, também, por acreditarem em mim e por me ajudar a alcançar os meus sonhos.

Às minhas lindas meninas, Yasmin, Isabela e Lívia por terem inspirado este trabalho e que fazem da minha jornada pela maternidade ser tão especial e apaixonante.

Ao Will, por ser meu suporte, meu amigo, meu parceiro. Pelos diálogos, pelo encorajamento e por ser um pai tão dedicado, sensível e responsável com nossas meninas.

À minha orientadora, prof^a Veronica, pela dedicação e excelência em tudo que faz. Obrigada por tantos ensinamentos, pelas conversas, formais e informais e pela paciência em me orientar. Por acreditar em mim e me motivar durante toda essa caminhada.

À prof^a Olga Rodrigues, por aceitar compor a minha banca e enriquecê-la partilhando um pouco do seu conhecimento e à prof^a Aline Maira, pela leitura cuidadosa e por aceitar compor minha banca.

Às mães, pais e os bebês deste estudo, por terem cedido seu tempo para que este fosse possível.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pela bolsa concedida.

RESUMO

A presente dissertação encontra-se vinculada às investigações desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Processos de Saúde e Desenvolvimento da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) em parceria com a Universidade Estadual Paulista. Insere-se no contexto das relações familiares no qual a qualidade dos cuidados parentais e a vinculação entre pais e filhos têm sido apontadas como fundamentais para o desenvolvimento infantil. Buscou-se investigar as possíveis relações entre práticas parentais maternas e paternas e os respectivos processos de vinculação com seus bebês, com o instrumento de autoaplicação Inventário de Estilos Parentais para Pais e Mães de Bebês (IEPPMB) e a filmagem em condição estruturada, segundo os critérios do Paradigma *Face-to-Face Still Face* – FFSF. Foram estruturados dois estudos. No Estudo 1 buscou-se descrever as práticas educativas de trinta mães e os processos de vinculação com seus filhos ao terceiro mês de vida. Os escores obtidos para as categorias do IEPPMB e os índices obtidos para as categorias do FFSF foram descritos, comparados e correlacionados. Os resultados indicaram que tanto os bebês como as mães apresentaram, no início da interação, maior frequência de comportamentos de Orientação Social Positiva (OSP) e menor ocorrência para Orientação Social Negativa (OSN). Na retomada da interação, os bebês não se recuperaram, as mães diminuíram significativamente as médias para OSP e não conseguiram acalmá-los. As correlações entre as práticas parentais e as categorias de vinculação mostraram que a presença de práticas negativas diminuiu o comportamento de OSP ao retomar a interação, indicando que mães com esse tipo de prática podem precisar de orientações sobre a importância de rotina e consistência da oferta de cuidados e atenção ao bebê, o que requer intervenções junto a essa população. No Estudo 2, buscou-se descrever e comparar as categorias de vinculação materna e paterna e as práticas parentais avaliadas no terceiro e no sexto mês de vida do bebê, bem como as possíveis correlações entre eles. Dos 30 casais convidados, onze aceitaram participar deste Estudo. A comparação da qualidade da vinculação entre os bebês e seus pais e mães não apresentou diferenças significativas, indicando que a vinculação dos bebês é de boa qualidade com ambos e com frequência alta de comportamentos interativos positivos. Entre as práticas negativas, a prática de negligência foi significativamente maior entre os pais no terceiro mês. No sexto mês, embora não haja diferença significativa entre os grupos, as mães pioram suas práticas apresentando práticas de negligência semelhantes aos pais e ambos mantiveram a prática de Disciplina Relaxada. Nesse estudo, os bebês apresentaram melhor recuperação no terceiro episódio, retomando a emissão de OSP. As mães apresentaram mais comportamentos de

OSP e menos de OSN. Os resultados sugerem que tanto pais como mães precisam de mais orientação para a interação com os bebês. As correlações indicaram uma preditividade para os pais que não apresentaram OSN no terceiro mês indicando uma correlação perfeita com abuso físico ($r=1,0$), ou seja a ausência de abuso físico no terceiro mês indica ausência de OSN no sexto mês, revelando-se um fator protetivo para interação pais-filhos. Dados do estudo podem contribuir e orientar intervenções junto às famílias sobre práticas de cuidados e promoção do desenvolvimento de vínculo.

Palavra-chave: Práticas parentais; relação mãe-bebê; relação pai-bebê

ABSTRACT

This dissertation is linked to the investigations carried out in the Research Group on Health and Development Processes of the Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) in partnership with the Universidade Estadual Paulista. It is inserted in the context of family relationships in which the quality of parental care and the bond between parents and children have been identified as fundamental for child development. We sought to investigate the possible relationships between maternal and paternal parenting practices and the respective bonding processes with their babies, with the self-application instrument Inventory of Parenting Styles for Parents of Babies (IEPPMB) and the filming in a structured condition, according to the criterias of the Face-to-Face Still Face - FFSF Paradigm. Two studies were structured. In Study 1, we sought to describe the educational practices of thirty mothers and the processes of bonding with their children in the third month of life. The scores obtained for the IEPPMB categories and the indices obtained for the FFSF categories were described, compared and correlated. The results indicated that both babies and mothers presented, at the beginning of the interaction, a higher frequency of Positive Social Orientation (OSP) behaviors and less occurrence for Negative Social Orientation (OSN). Upon resuming the interaction, the babies did not recover, the mothers significantly reduced the means for OSP and were unable to calm them. The correlations between parenting practices and attachment categories showed that the presence of negative practices decreased the behavior of PSOs when resuming the interaction, indicating that mothers with this type of practice may need guidance on the importance of routine and consistency of the provision of care and attention to the baby, which requires interventions with this population. In Study 2, we sought to describe and compare the categories of maternal and paternal attachment and parental practices assessed in the third and sixth months of the baby's life, as well as the possible correlations between them. From the 30 invited couples, eleven accepted to participate in this Study. The comparison of the quality of bonding between babies and their fathers and mothers showed no significant differences, indicating that the bonding of babies is good with both and with a high frequency of positive interactive behaviors. Among negative practices, negligence was significantly higher among the fathers in the third month. In the sixth month, although there is no significant difference between the groups, the mothers make their practices worse presenting negligence practices similar to the fathers, and both maintained the practice of Relaxed Discipline. In this study, babies showed better recovery in the third episode,

resuming the issuance of OSP. Mothers had more OSP and less OSN behaviors. The results suggest that both fathers and mothers need more guidance for interacting with babies. The correlations indicated a predictability for parents who did not have OSN in the third month, indicating a perfect correlation with physical abuse ($r = 1.0$), that is, the absence of physical abuse in the third month indicates the absence of OSN in the sixth month, revealing it a protective factor for parent-child interaction. Data from the study can contribute and guide interventions with families on care practices and the promotion of bonding.

Keyword: Parenting practices; mother-baby relationship; parent-baby relationship.

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	15
2.	INTRODUÇÃO GERAL	18
3.	ESTUDO 01: Práticas parentais de mães de bebês e possíveis associações com a qualidade de vinculação.....	27
	Introdução	27
	Método	37
	Resultados	42
	Discussão	45
	Considerações finais	50
	ESTUDO 02: Estudo comparativo e correlacional entre os processos de vinculação e práticas parentais maternos e paternos	51
	Introdução	51
	Método	58
	Resultados	60
	Discussão	70
	Considerações finais	74
	CONCLUSÃO GERAL	76
	REFERÊNCIAS.....	78
	APÊNDICES.....	86
	ANEXOS.....	88

LISTA DE SIGLAS

AUR	Autorregulação
CITMI-R	Codificação da Interação Mãe-Criança Revisado
<i>FFSF</i>	<i>Face to Face Still-Face</i>
IEPPMB	Inventário de Estilos Parentais Para Pais e Mães de Bebês
OSN	Orientação Social Negativa
OSP	Orientação Social Positiva
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE TABELAS

ESTUDO 1

Tabela 1. Caracterização da amostra de mães e bebês no terceiro mês.....	38
Tabela 2. Análise descritiva e comparativa das práticas parentais maternas a partir do IEPMB.....	42
Tabela 3. Descrição das categorias observadas durante o FFSF nos três episódios para mãe e bebê aos três meses.....	36
Tabela 4. Correlações entre as Categorias do IEPPMB e FFSF.....	43

ESTUDO 02

Tabela 5. Caracterização da amostra pais, mães e bebês.....	59
Tabela 6. Descrição e comparação, intragrupos, das medianas observadas para as categorias e subcategorias de práticas parentais, de pais e mães, no terceiro e sexto mês de vida do bebê.....	61
Tabela 7. Descrição e comparação intergrupos das medianas observadas para as categorias e subcategorias de praticas parentais de pais e mães no terceiro e sexto mês de vida do bebê.....	62
Tabela 8. Descrição e comparação intergrupos dos comportamentos dos bebês observados a partir do protocolo FFSF aos três e seis meses de vida.....	63
Tabela 9. Descrição e comparação intergrupos dos comportamentos maternos e paternos observados para as categorias do FFSF durante o primeiro e terceiro episódio.....	64
Tabela 10. Comparação longitudinal intragrupos das categorias do FFSF observadas aos três e seis meses de idade, para os comportamentos do bebê com os pais.....	65
Tabela 11. Comparação longitudinal intragrupos das categorias do FFSF observadas aos três e seis meses de idade, para os comportamentos maternos e paternos.....	66
Tabela 12. Correlações observadas entre práticas parentais avaliadas no terceiro mês e as categorias do FFSF aos três e seis meses.....	67
Tabela 13. Correlações observadas entre as categorias do FFSF para as mães e os bebês aos três e seis meses e as práticas parentais maternas do sexto mês.....	68
Tabela 14. Correlações observadas entre as categorias do FFSF para os pais e os bebês aos três e seis meses e as práticas parentais paternas avaliadas no sexto mês.....	70

Apresentação

A família e sua dinâmica têm se transformado nas últimas décadas. As relações estabelecidas nesse meio são consideradas, por muitas teorias psicológicas, como fonte de influência no desenvolvimento social, intelectual e emocional dos seus descendentes. A chegada de um novo membro, como um bebê, modifica a dinâmica familiar existente e aumenta a sobrecarga de trabalho pelos cuidados dispensados, que requer da mãe e da família adaptações constantes às demandas dessa nova situação (Pereira, Chiodelli, Rodrigues, Silva, & Faria, 2014; Dessen & Braz, 2000).

Nas interações iniciais, são dispensados os primeiros cuidados pelos pais ou cuidadores, os quais passam por um processo de adaptação e construção da relação com o bebê (Tronick 2002). Das relações diádicas (mãe-bebê, pai-bebê ou cuidador-bebê) e das particularidades de seus membros, observa-se a qualidade de vinculação que ali é estabelecida. O cenário das relações precoces e sua influência no desenvolvimento está presente em muitos estudos sobre o desenvolvimento infantil. Podemos encontrar, nas pesquisas brasileiras, a temática da interação materno-infantil que se estende aos aspectos da saúde mental materna infantil (Pereira et al., 2014; Rodrigues & Nogueira, 2016) e aspectos específicos do bebê como prematuridade (Chiodelli, 2016; Rodrigues & Bolsoni-Silva, 2011) e a presença de deficiências (Ferreira, 2017).

Neste contexto, há importantes contribuições na literatura resultantes de programas e projetos de pesquisa e extensão como o “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais”, que ocorre desde 1999 no Laboratório de Desenvolvimento Infantil, localizado no Centro de Psicologia Aplicada (CPA), da Universidade Estadual Paulista em Bauru/SP, atuando no diagnóstico e acompanhamento de bebês com e sem condições de risco (Campos & Rodrigues, 2015; Nardi, Rodrigues, Melchiori, Salgado, & Tavano, 2015; Pereira, Rodrigues, Apolonio, & Barbosa, 2015;

Pereira, Rodrigues, Donato, Maruchi, & Amaral, 2016; Pereira, Silva-Marinho, Rodrigues, Chiodelli, & Donatto, 2015; Rodrigues & Bolsoni-Silva, 2011; Taques, Dora C S R; Rodrigues, 2006). Integrado a este projeto desde 2012, o projeto Relação Mãe-bebê da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados/MS, além de acompanhar o desenvolvimento de bebês e cuidados com a saúde materna, também promove a capacitação de profissionais para atuação junto às famílias (Pereira et al., 2014; Pereira, Rodrigues, Carvalho, & Chiodelli, 2015; Pereira et al., 2015). Atualmente, em parceria com a Universidade Estadual Paulista, o foco encontra-se no Projeto: Prematuridade: percepção materna, saúde emocional materna, interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil (FAPESP - Processo: 2016/11557-4) que tem sido desdobrado em outros projetos como: Prematuridade: percepção materna, saúde emocional materna (Mangili, 2017), interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil, do qual resultaram três defesas de dissertação (Donatto, 2019, Jorcuvichi, 2019; Izidoro, 2019) e dois trabalhos de conclusão de residência multiprofissional (Gomes, 2020, Silva, 2020), todos eles com artigos submetidos e um produto no prelo (Izidoro, Pereira & Rodrigues, 2020) ao qual a presente pesquisa encontra-se vinculada. A partir deste projeto, delimitou-se, na linha de Pesquisa do PPGPsi – Processos Comportamentais e Cognitivos, a investigação sobre a interação de pais e mães de bebês e suas relações com estilos parentais.

Neste contexto, buscou-se investigar as possíveis relações entre as práticas parentais maternas e paternas e os respectivos processos de vinculação com seus bebês. Deste modo, apresenta-se, na introdução geral, um panorama sobre os conceitos que envolvem os construtos da presente investigação. Na sequência, para atender aos objetivos propostos, a dissertação foi estruturada em dois estudos. No Estudo 1 buscou-se descrever as práticas parentais de mães de bebês e os processos de vinculação diádica, avaliados entre o terceiro e quarto mês, e possíveis correlações entre eles. No Estudo 2, realizou-se um recorte

amostral a partir das díades que participaram do Estudo 1 e que tiveram também a participação paterna. Neste recorte, buscou-se descrever, comparar e correlacionar as categorias de vinculação materna e paterna, avaliadas no terceiro e sexto mês de vida do bebê e as práticas parentais.

INTRODUÇÃO GERAL

Estilos e práticas parentais

As famílias desempenham um papel de ambiente socializador, no qual as primeiras interações da criança acontecem, exercendo influências importantes no comportamento e desenvolvimento infantil. Foco de muitos estudos, as relações precoces têm sido consideradas como fundamentais para o desenvolvimento infantil, sendo a qualidade dos cuidados parentais apontada como a variável mais relevante (Bowlby, 1989; Faria & Fuertes, 2012; Linhares & Martins, 2015).

Na literatura, várias são as abordagens que discutem a parentalidade, com enfoque em diferentes constructos teóricos, como o processo de socialização da criança. Entre as diferentes perspectivas, destaca-se o estudo dos estilos parentais, que englobam a relação emocional estabelecida entre pais e filhos, os sistemas de crenças, os comportamentos e as práticas parentais, sendo essa última o foco do presente estudo (Cia, Pereira, Del Prette, & Del Prette, 2007, Freitas & Alvarenga, 2017; Linhares & Martins, 2015; Simões, 2011).

No estudo dos estilos parentais, os pesquisadores Darling e Steinberg (1993) destacaram que o comportamento parental deve contemplar duas dimensões: uma de natureza afetiva, que requer responsividade, suporte e afeto parental e, outra, de natureza instrumental, que exige disciplina e controle no processo de socializar da criança, na medida em que promove o cumprimento de regras e normas sociais.

Neste contexto, a literatura indica que a família, ao exercer seu papel de ambiente socializador, pauta-se em influências educativas resultantes de sua história de interação com seus pais e/ou autoridades e as oportunidades de aprendizagem as quais esteve exposta. Isso fará com que os pais apresentem, durante o seu exercício parental, estilos

educativos diferentes (Marin, Dal Forno, & Piccinini, 2013; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2011; Simões, 2011; Silva *et al.*, 2008; L. Weber *et al.*, 2006).

Baumrind (1966) apresentou uma contribuição importante na área da parentalidade, ao propor um modelo de classificação de estilos parentais em três tipos de controle: autoritário, permissivo e autoritativo. No estilo autoritário, a afetividade é reduzida, enquanto os níveis de controle e as restrições são elevadas. Os pais exercem influência e controle sobre o comportamento dos filhos de acordo com um padrão absoluto e rígido, a obediência é supervalorizada e a desobediência é tratada com punições. Tem por finalidade, inculcar na criança valores como o respeito pela autoridade, o trabalho e a preservação da ordem. Os pais com estilo permissivo são mais tolerantes aos impulsos, desejos e ações da criança, não impõem controle ou restrições aos filhos e tão pouco são punitivos. Segundo o autor, tanto os pais com estilo permissivo ou autoritário fazem poucas exigências de maturidade e comunicam de modo ineficaz.

A autora definiu os pais do modelo autoritativo como promotores de um bom desenvolvimento, uma vez que buscam direcionar as atividades de suas crianças de maneira racional e orientada, incentivando o diálogo e compartilhando com a criança o porquê de suas ações. Nesse modelo, as divergências são enfrentadas com firmeza, mas com entendimento de que criança possui interesses próprios e interesses particulares.

As estratégias utilizadas pelos pais na educação de seus filhos, que se expressam como práticas educativas parentais, juntamente com outros elementos como o conjunto de crenças e a cultura, compõem e caracterizam o estilo educativo dos pais. Além da socialização e controle das crianças, tais práticas permitem suprimir os comportamentos considerados inadequados ou incentivar a ocorrência de comportamentos adequados importantes para o funcionamento da dinâmica familiar e da sociedade em que estes (pais e

filhos) se encontram. Estão incluídas nas práticas parentais outros aspectos da interação pais-filhos, tais como: tom de voz, linguagem corporal e mudança de humor.

Com base nos estudos de Baumrind (1966) e de Darling e Steinberg (1993), Gomide (2006), desenvolveu um modelo teórico no qual são apresentadas sete práticas educativas parentais. Entre as práticas descritas pela autora encontram-se duas positivas e cinco negativas.

Em relação às práticas positivas, a Monitoria Positiva destaca-se pela atenção voltada à localização dos filhos, promoção e manutenção da qualidade de suas atividades, bem como à adaptação aos diferentes contextos. Envolve ainda, demonstrações de afeto dos pais mediante as necessidades do filho. Outra prática positiva é a do comportamento moral, que remete ao ensino de valores culturalmente aceitos como, honestidade e senso de justiça, auxiliando a criança na compreensão sobre o que é certo e errado.

As práticas negativas são: negligência, quando os pais não assumem a responsabilidade sobre a educação de seus filhos e não demonstram afeto sobre os mesmo; disciplina relaxada, influenciada pelo humor dos pais que punem ou reforçam os comportamentos de seus filhos de forma inconsistente; a monitoria negativa caracteriza-se pelo estabelecimento de regras em excesso e seu não cumprimento resulta em conseqüências negativas; a punição inconsistente é outra prática que consiste em reforçar os comportamentos dos filhos de acordo com o seu bom ou mau humor, de forma não contingente ao comportamento da criança; por último, o abuso físico, tem como estratégia de educar os filhos causando dor ou machucando-os com os castigos e palmadas (Gomide, 2004).

A literatura tem indicado que práticas parentais pautadas na empatia, diálogo, afeto e estabelecimento de limites de forma adequada estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos como autonomia, respeito e boa convivência em sociedade (Bolsoni-Silva

& Loureiro, 2011; Cecconello & Koller, 2003; Freitas & Alvarenga, 2017; Justo, Carvalho, & Kristensen, 2014; Marin et al., 2013; Nogueira, Rodrigues, & Altafim, 2013; Ribeiro, 2017).

No desafio de criar e educar um filho, as práticas parentais e seus efeitos podem mudar substancialmente dependendo da faixa etária da criança. A dimensão mais democrática está relacionada ao estilo autoritativo, contrapondo-se ao modelo autoritário, com a presença de práticas educativas indutivas e não coercitivas. Tais práticas parecem aplicar-se mais à segunda infância do que à adolescência, visto que nessa fase há menos autonomia dos filhos e estes necessitam de adultos que lhe indiquem o certo e errado (Darling & Steinberg, 1993). Já a dimensão que envolve cuidado (cuidado primário/estimulação) estaria principalmente relacionada ao desenvolvimento da criança no primeiro ano de vida. Daí a importância de se estudar os estilos parentais e as práticas parentais em diferentes faixas etárias, de modo a compreender como essas mudanças ocorrem ao longo do ciclo de vida.

A escolha das práticas parentais pode, ainda, estar associada, dentre outros fatores, às características individuais da criança, bem como às crenças e aos valores parentais (Marin et al., 2011). As próprias interações conjugais ou coparentais estabelecidas pela mãe e pelo pai também tendem a influenciar as suas práticas parentais (Romero, 2015), assim como a experiência de cuidado que ambos vivenciaram enquanto filhos (Marin et al., 2011).

No entanto, muitos estudos sobre as práticas educativas adotadas por pais ou responsáveis pela criança mostram que a utilização de estratégias disciplinares que envolvem castigos, falta de diálogo, agressão verbal e até física, ainda é muito utilizada e aceita na sociedade (Bernal-Ruiz, Rodríguez-Vera, González-Campos, & Torres-Álvarez, 2017; A. T.; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2019; Cassoni, 2013; Freitas & Alvarenga, 2017;

Justo et al., 2014; Patias, Siqueira, & Dias, 2012) embora já exista uma legislação contrária a esse tipo de prática (Lei n.13.010, de 26 de junho de 2014). Uma das explicações para a ocorrência constante dessa prática é de que, segundo Weber, Viezzer e Brandenburg (2004), a punição corporal pode gerar um efeito imediato, funcionando no momento em que é aplicada. Porém, a longo prazo, os filhos submetidos à educação predominantemente baseadas em disciplinas coercitivas podem apresentar diversos problemas psicológicos e comportamentais (Benetti, Pizetta, Schwartz, Hass, & Melo, 2010; Cecconello & Koller, 2003; Justo et al., 2014; Patias et al., 2012).

No estudo desenvolvido por Weber, Viezzer e Brandenburg (2004), dois grupos foram comparados, um de crianças que sofriam abuso físico e outro de crianças que não sofriam esse tipo de abuso, no que se refere à utilização de práticas educativas. As crianças do primeiro grupo apresentaram menor autoestima, comportamento mais agressivo, quando comparadas às crianças que não sofriam abuso físico.

Uma pesquisa realizada por Benetti et. al. (2010), correlacionou situações individuais, familiares e contextuais de estudantes adolescentes e problemas de saúde mental. Os resultados mostraram que as situações de violência aliadas às práticas parentais negativas contribuem para o diagnóstico clínico de problemas de saúde mental na adolescência.

Em um estudo sobre a relação das práticas parentais com problemas de comportamento infantil, Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) compararam dois grupos de crianças, um com problemas de comportamento (clínico, n=26) e outro sem problemas de comportamento (não clínico, n=27). Os resultados apontaram que os comportamentos que diferenciam os dois grupos estavam relacionados às práticas parentais positivas e às habilidades sociais infantis, mais frequentes no grupo de crianças não clínico.

Recentemente em outra pesquisa, estas mesmas autoras encontraram correlações entre problemas de comportamento internalizantes e externalizantes de meninos às práticas negativas, principalmente a de bater. A partir da avaliação de mães biológicas, as habilidades sociais infantis, os recursos do ambiente familiar e as práticas educativas parentais, adotou-se um delineamento caso-controle com 36 mães biológicas de meninos que foram distribuídos em dois grupos, clínicos e não-clínicos. Além do uso de práticas negativas, os resultados apontaram para um déficit de práticas positivas e menos recursos do ambiente familiar (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2019).

Nogueira, Rodrigues e Altafim (2013), realizaram uma pesquisa a fim de descrever os efeitos de um programa de intervenção com foco nas práticas parentais de mães de bebês adolescentes e adultas. Essas mães passaram por avaliações antes e depois da intervenção. A intervenção consistiu na realização de encontros nos quais eram abordados temas relacionados ao ciclo de desenvolvimento humano e às práticas parentais. Os resultados apontaram que as práticas de mães adolescentes eram significativamente melhores, comparadas às mães adultas na primeira avaliação conduzida. Contudo, a intervenção foi efetiva para a maioria das participantes que melhoraram suas práticas parentais. Entende-se que o conhecimento sobre a temática elucida dúvidas das mães acerca de suas ações e os efeitos dela sobre seus filhos, orientando-as às práticas que promovem o desenvolvimento saudável da criança. As autoras observaram, ainda, que a maioria das práticas negativas ainda não são frequentes, tanto em mães adolescentes quanto nas adultas, nos primeiros meses de vida do bebê, sendo assim, um período oportuno para realizações de intervenções preventivas, tanto para fortalecer como para o aprendizado de práticas positivas a serem adotadas pelas mães na medida que a criança crescer. A prevenção consiste, portanto, em minimizar a utilização de práticas negativas, já que as práticas e os padrões de relação ainda estão em construção.

Ao orientar o comportamento infantil, as práticas educativas parentais influenciam, de modo significativo, a construção da personalidade e o estabelecimento de futuros padrões relacionais dos adultos. Em seu estudo sobre transmissão intergeracional dos estilos parentais, Weber, Selig, Bernardi e Salvador (2006) constataram uma tendência a repetir o modelo de cuidados parentais aprendido em sua própria família. Segundo os autores, se o modelo aprendido for um promotor do desenvolvimento da criança, ao se repetir, trará grandes contribuições para a sociedade na medida em que influencia o crescimento e formação de cidadãos socialmente habilidosos e emocionalmente seguros (Cia, Affonseca, & Barham, 2006).

Práticas parentais e vinculação

Há, também, teorias que discorrem acerca das questões sobre a parentalidade baseadas no contexto emocional da relação pais-filho, como a teoria do apego desenvolvida por Bowlby (1989). Segundo o autor, há uma tendência na natureza humana em estabelecer vínculos com determinados indivíduos e que está presente assim que se nasce. A aproximação com o outro é necessária para a sua sobrevivência, uma vez que o bebê humano não sobreviveria sem o cuidado de outro indivíduo, que cumpre funções de proteção e fornecimento de alimentos, conforto e segurança. O vínculo, segundo Bowlby, é um laço relativamente duradouro que se estabelece com um parceiro, enquanto que o apego é uma disposição para buscar proximidade e contato com uma figura específica. No caso do presente estudo, a figura da mãe, deve ser a figura de apego que permite a exploração segura do ambiente. O comportamento de apego é eliciado quando o bebê estiver assustado, cansado, com fome ou sob estresse, levando-o a emitir sinais que podem desencadear a aproximação e a motivação do cuidador.

Os comportamentos de apego podem ser observados e organizados nas interações das crianças com seus cuidadores, permitindo que a criança consiga ter e manter a proximidade. Tais comportamentos podem ser muito variados, sendo alguns dos mais comuns chorar, chamar, balbuciar, sorrir e agarrar-se (Ribas & Moura, 2004).

A sensibilidade materna é um conceito importante dentro deste referencial teórico e, conseqüentemente, importante também na investigação da interação entre mãe-criança, mostrando-se muito próxima da concepção de responsividade materna. A sensibilidade e responsividade estariam na base da formação de um apego de padrão seguro, sendo definida pela qualificação dos comportamentos maternos como, calor ou acolhimento, proximidade, mães que respondem apropriadamente e prontamente aos sinais e demandas da criança. Para Bowlby (1989), o apego seguro está relacionado a um desenvolvimento saudável. Ao final do primeiro ano é possível avaliar a qualidade do apego estabelecida entre o bebê e sua figura de apego, e essa qualidade pode influenciar futuras interações da criança com outras pessoas.

Já nos primeiros anos de vida o bebê mostra emoções básicas para adaptar-se ao meio, na medida em que interage com ele. Segundo Thompson (1994) os processos internos e externos responsáveis pela avaliação e modificação da resposta emocional constituem a regulação emocional da criança. A regulação emocional é fundamental na organização comportamental. Com o desenvolvimento da criança, há também um crescimento cognitivo e, assim, o controle ou regulação emocional e as expressões das suas emoções tornam-se menos dependentes dos pais, como exemplo de reguladores externos. Contudo, a qualidade da vinculação que se estabelece na relação diádica é crucial para que o bebê comece a autorregular suas emoções de modo progressivo e autônomo. As contingências estabelecidas para regular o comportamento e como cada um se adapta as

situações vividas são fontes de aprendizagem e crescimento mútuo (Chiodelli, Rodrigues, Pereira, Santos, & Fuertes, 2020; Tronick, 2002; Varão, 2012).

A forma com a qual esses pais respondem às demandas de seus filhos poderá ter influências culturais, fortemente marcadas pelo estilo educativo ao qual foram expostos (Weber *et al.*, 2006). Do mesmo modo, a forma como aprendem a tornar-se pais exerce grande influência, nos processos de cuidado e responsividade parental, podendo influenciar as práticas educativas, seja em busca da reprodução do modelo ao qual foram expostos, seja em direção contrária, na tentativa de tentar superá-lo. Espera-se que o entrelaçamento das variáveis que permeiam as práticas educativas relatadas pelos pais e mães do presente estudo e a qualidade de vinculação observada entre as díades possa contribuir de forma a indicar comportamentos relevantes para proteção e cuidado à primeira infância.

ESTUDO 1 E 2 – OCULTADOS ATÉ 27/04/2022

CONSIDERAÇÕES GERAIS DO ESTUDO

O contexto familiar é considerado o lugar privilegiado para a promoção do desenvolvimento infantil. É o primeiro ambiente do qual o indivíduo participa, e aprende a se relacionar. É, portanto, dos genitores, a responsabilidade de oferecer aos filhos um ambiente incentivador e seguro no qual possam desenvolverem-se. Para tanto, eles utilizam estratégias educativas com objetivo favorecer a vivência da criança em sociedade.

Ao investigar as relações entre práticas parentais maternas e paternas e os processos de vinculação com seus bebês, observando a interação entre eles, foi possível identificar que, por mais frequente que seja o uso de Prática Positiva, pais e mães podem necessitar de orientações que promovem uma melhor interação com o filho, diminuindo ainda o uso de Prática Negativa.

No Estudo 1, fica evidente que as mães, ao diminuir os comportamentos positivos na interação com o filho que chora, necessitam de mais estratégias, ao invés de aumentarem comportamentos negativos na interação. Uma limitação neste estudo é que não foram incluídas outras variáveis do bebê, como o temperamento, podendo apresentar em investigações futuras, como essa variável afeta as práticas das mães na relação inicial com o filho, onde a construção está apenas começando.

No Estudo 2, o recorte amostral de 11 díades já é um dado importante a se comentar. A dificuldade da adesão da participação paterna, seja por limitações de tempo ou não quererem por outras razões já reflete nos dados. Os que aceitaram participar, já mostram um perfil mais propenso ao envolvimento com os filhos, preocupação e maior cuidado com os mesmos. Logo, temos uma amostra em que a Prática Positiva é a prática

mais utilizada tanto por mães como por pais. Ainda assim, nesse recorte, a disciplina relaxada e negligência foi observada como prática na criação dos filhos. A negligência por parte dos pais foi observada no terceiro mês nos levando a hipótese de estar relacionada à fase inicial de vida da criança, na qual a participação da mãe é bastante intensa devido ao aleitamento materno. A negligência paterna neste período esteve correlacionada com menos comportamentos de Orientação Social Positiva dos bebês durante a interação no terceiro e sexto mês, tomando um caráter preditivo. As mães também pioraram as suas práticas no sexto mês, corroborando com o que foi encontrado na literatura de que os pais aumentam o uso de Prática Negativa na medida em que os filhos crescem. O uso dessas práticas pode afetar a autorregulação do bebê, e conseqüentemente trazer prejuízos para o desenvolvimento infantil, uma vez que a autorregulação é importante para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais.

Levando em consideração as modificações no contexto familiar durante transições decorrentes do nascimento de filhos e a necessidade da família de encontrar um equilíbrio para lidar com as situações que surgem nesse período, é de vital importância o apoio para sua adaptação às novas circunstâncias. Em famílias que se constituem com a presença de ambos os genitores ainda há muito a ser trilhado no âmbito de favorecer a coparentalidade, em relações que sejam de fato compartilhadas entre os pais. O impacto para o desenvolvimento humano, em longo prazo, poderá ser na compreensão de modelos parentais mais participativos e dinâmicos.

Este estudo pode contribuir para futuras investigações adicionando ainda outras variáveis que permeiam as interações, como o temperamento e culturas distintas. Também pode servir de subsídios para futuras intervenções, proposição de políticas públicas em saúde, que incentivem a valorização da figura paterna nas questões do cuidado com o bebê na atuação de equipes de saúde, promovendo assim uma boa vinculação.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M.D.S., Blehar, M.C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2007). O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 314–323. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200018>
- Ávila, M. B. (2016). O tempo do trabalho doméstico remunerado: entre cidadania e servidão. In: A. R. de P. Abreu; H. Hirata & M. R. Lombardi (Orgs.). *Gênero e Trabalho no Brasil e na França: Perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo Editorial. 288p.
- Andrade, C. D. J., Benincasa, M., & Paun, L. D. (2018). O cuidado dos filhos sob a responsabilidade paterna: mudanças de paradigmas nas relações familiares. *Revista Do NESME*, 15(2), 27–41.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Benetti, S. P. da C., Pizetta, A., Schwartz, C. B., Hass, R. de A., & Melo, V. L. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321–332. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712010000300006>
- Bernal-Ruiz, F., Rodríguez-Vera, M., González-Campos, J., & Torres-Álvarez, A. (2017). Competencias parentales que favorecen el desarrollo de funciones ejecutivas en escolares. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 16(1), 163–176. <https://doi.org/10.11600/1692715x.16109>
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar Em Revista*, (59), 17–33. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.44615>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2019). Boys with Internalizing and Externalizing Behavior Problems: A Case Control Study. *Temas Em Psicologia*, 27(1), 39–52. <https://doi.org/10.9788/tp2019.1-04>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: Comparando crianças diferenciadas pelo comportamento.

- Paideia*, 21(48), 61–71.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7(2), 227–235. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2002000200004>
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Campos, B. C., & Rodrigues, O. M. P. R. (2015). Depressão Pós-Parto Materna : Crenças , Práticas de Cuidado e Estimulação de Bebês no Primeiro Ano de Vida. *Psico (Porto Alegre)*, 46(4), 483–492. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.20802>
- Cassiano, R. G. M., & Linhares, M. B. M. (2015). Temperamento, prematuridade e comportamento interativo mãe-criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2), 416–424. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528222>
- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Doi:10.11606D.59.2013. tde-14122013-105111. Recuperado em 20 de junho de 2020, de www.teses.usp.br.
- Cecconello, A. M. C., & Koller, A. S. H. (2003). Socialization Practices, Parenting Styles and Physical Abuse in Familiar Context. *Psicologia Em Estudo*, 45–54. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300007>
- Cerezo, M. Á., & Valencia, U. De. (2013). *Interação mãe-criança : fidedignidade da versão brasileira*. 12(71), 307–316.
- Chiodelli, T. (2016). *Temperamento e prematuridade: influências sobre a interação mãe bebê*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.
- Chiodelli, T., Rodrigues, O. M. P. R., Pereira, V. A., Santos, P. L. dos, & Fuertes, M. (2020). Interactive behaviors between mothers and their prematurely born infants in the face-to-face Still-Face Paradigm. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37(e180164), 1–13. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e180164>
- Cia, F., D’Affonseca, S. M., & Barham, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(29), 277–286. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2004000300004>
- Cia, F., Pereira, C., del Prette, Z., & Del Prette, A. (2007). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Revista Brasileira de Educa*, 13(2), 73–81.

<https://doi.org/10.1590/S1413-65382007000200007>

- Crittenden, P.M. (1988). Relationships at risk. In J. Belsky & T. Nezworski (Eds.), *The clinical implications of attachment*, (pp. 136-174). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- Crittenden, P. M. (1992). Children's strategies for coping with adverse home environments: an interpretation using attachment theory. *Child Abuse Negl.* 16, 329–343. doi: 10.1016/0145-2134(92)90043-Q
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-493.
- Flouri, E. (2004). Exploring the relationship between mothers' and fathers' parenting practices and children's materialist values. *Journal of Economic Psychology*, 25, 743–752.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 221-231.
- Donatto, M. L. (2019). *Percepção de risco na prematuridade: implicações na saúde materna, vinculação e desenvolvimento infantil*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS.
- Faria, A., & Fuertes, M. (2014). Reactividade infantil e a qualidade da interação mãe-filho. *Análise Psicológica*, 25(4), 613–623. <https://doi.org/10.14417/ap.470>
- Ferreira, T. S. (2017). *Síndrome de Down: influências na interação mãe-bebê*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.
- Fernandes, R., Manera, F., Boing, L., & Höfelmann, D. A. (2018). Desigualdades socioeconômicas, demográficas e obstétricas na insegurança alimentar em gestantes. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 18(4), 815-824. <https://doi.org/10.1590/1806-93042018000400008>
- Freitas, L. M., & Alvarenga, P. (2017). Interação pai-criança e problemas externalizantes na infância. *Psico*, 47(4), 279. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.4.23170>
- Fuertes, M. (2004). *Rotas da vinculação: O desenvolvimento do comportamento interativo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebê prematuro*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto-PT.
- Gomide, P.I.C. (2003). Estilos Parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção (21-60)*. Campinas: Alínea.

- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. I. C., Salvo, C. G. de, Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10(2), 169–178. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712005000200008>
- Gonçalves, I. M. G. (2015). *Estudo sobre a qualidade da autorregulação do bebê na situação face-to-face-still-face com o pai*. Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Gonçalves, I. & Fuertes, M. (2016). A importância do pai na qualidade da autorregulação do bebê. In Fuertes, M., Nunes, C., & Rosa, J. Evidências em intervenção precoce . (pp. 37-54). Lisboa: CIED - Escola Superior de Educação de Lisboa. Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.
- Gomes, R. T. A. (2020) *Mães com recém nascidos hospitalizados prematuros e a termo: estudo comparativo*. Trabalho de conclusão de Residência Multiprofissional em Saúde, Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
- Izidoro, I. R. (2019). *Análise comparativa do desenvolvimento da vinculação mãe-bebe e educadora-bebe: contribuições para o desenvolvimento infantil*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS.
- Izidoro, I. R., Pereira, V.A., Rodrigues, O.M.P.R. (2020). Transição para educação infantil: estudo comparativo do processo de vinculação bebê-mãe e bebê-educadora. *Revista Psico (PUCRS)*, 51(2), 1-11.
- Jeneral, R. B. R., Bellini, L. A., Duarte, C. R., & Duarte, Ma. F. (2015). Aleitamento materno: uma reflexão sobre o papel do pai. *Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba*, 17(3), 140–147. Retrieved from <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/21445>
- Jorcuvich, D. I. (2019). *Estudo comparativo sobre a vinculação de mãe- bebês gêmeos e únicos*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS.
- Justo, A. R., Carvalho, J. C. N., & Kristensen, C. H. (2014). Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(2), 510–523.
- Lei n.13.010, de 26 de junho de 2014. (2014). Altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do

adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Brasília, DF. Recuperado em junho, 2020, de

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm.

- Linhares, M. B. M., & Martins, C. B. S. (2015). O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(2), 281–293. <https://doi.org/10.1590/0103-166x2015000200012>
- Lordelo, E., Fonseca, Ana Lúcia, & Araújo, M. (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicol. Reflex. Crit*, 13(1). <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000100009>
- Main, M & Hesse, E. (1990) Parent's unresolved traumatic experiences are related to infant disorganized attachment status: Is frightened and/or frightening parental behavior the linking mechanism? In: Greenberg, M.; Cichetti, D. & Cummings, M. (Orgs.). *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention*. Chicago: University Press. pp. 161-182.
- Mangili, V. R. (2017). *Indicadores de depressão pós-parto, ansiedade e estresse maternos: Influências sobre a interação mãe-bebê*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.
- Marin, A. H., Dal Forno, G. M., & Piccinini, C. A. (2013). Transmissão Intergeracional de Práticas Educativas Parentais : Transmission of Childrearing Practices between Generations : Empirical Evidence. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29, 123–132.
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2019). Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. *Psicologia Revista*, 28(1), 151–173. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173>
- Nardi, C. G. de A., Rodrigues, O. M. P. R., Melchiori, L. E., Salgado, M. H., & Tavano, L. D. (2015). Bebês com Sequência de Pierre Robin: saúde mental materna e interação mãe-bebê TT - Infants with Pierre Robin Sequence : Maternal mental health and mother-infant interaction. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(1), 129–140. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000100012>
- Nogueira, S. C., Rodrigues, O. M. P. R., & Altafim, E. R. P. (2013). Práticas educativas de mães de bebês: Efeitos de um programa de intervenção. *Psicologia Em Estudo*, 18(4), 599–609. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000400003>

- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2012). Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. *Educacao e Pesquisa*, 38(4), 981–996. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000400013>
- Pereira, V. A., Chiodelli, T., Rodrigues, O. M. P. R., Silva, C. S. O., & Mendes, V. F. (2014). Desenvolvimento do Bebê nos Dois Primeiros Meses de Vida: Variáveis Maternas e Sociodemográficas. *Pensando Famílias*, 18(1), 64–77.
- Pereira, V. A., Rodrigues, O. M. P. R., Apolonio, C. O. R., & Barbosa, L. A. (2015). Relato de intervenção precoce: acompanhamento de um bebê com a Síndrome de Prader-Willi. *Contextos Clínicos*, 9(1), 19–31. <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.91.02>
- Pereira, V. A., Rodrigues, O. M. P. R., Donato, M. L., Maruchi, F. C., & Amaral, P. J. V. (2016). Análise das recomendações de manuais de aleitamento infantil: possibilidades e desafios. *Temas Em Psicologia*, 24(3), 1027–1038. <https://doi.org/10.9788/TP2016.3-13Pt>
- Pereira, V. A., Rodrigues, O. M. P., Carvalho, S. Z. L. de, & Chiodelli, T. (2015). Influências do Estresse e Ansiedade Puerperal nos Primeiros Meses do Desenvolvimento Infantil. *Cadernos de Pós-Graduação Em Distúrbios Do Desenvolvimento*, 15(1), 89–100.
- Pereira, V. A., Silva-Marinho, C. S. O. e, Rodrigues, O. M. P. R., Chiodelli, T., & Donatto, M. L. (2015). Investigação de Fatores considerados de Risco para o Desenvolvimento Motor de Lactentes até o terceiro mês. *Pensando Famílias*, 19(2), 73–85.
- Piccinini, C. A., Moura, M. L. S. de, Ribas, A. F. P., Bosa, C. A., Oliveira, E. A. de, Pinto, E. B., ... Chahon, V. L. (2001). Diferentes Perspectivas na Análise da Interação Pais-Bebê/Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 469–485. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722001000300004>
- Ribas, A. F. P., & Seidl de Moura, M. L. (2004). Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 315–322. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722004000300004>
- Ribeiro, R. (2017). Pais Permissivos - Crianças Em Risco. *Journal of Child & Adolescent Psychology / Revista de Psicologia Da Criança e Do Adolescente*, 8(1), 105–118.
- Rodrigues, O. M. P. R., & Bolsoni-Silva, A. T. (2011). Efeitos da prematuridade sobre o desenvolvimento de lactentes. *Journal of Human Growth and Development*, 21(1), 111. <https://doi.org/10.7322/jhgd.20000>
- Rodrigues, O. M. P. R., & Nogueira, S. C. (2016). Práticas Educativas e Indicadores de Ansiedade, Depressão e Estresse Maternos TT - Educational Practices and Indicartors

- of Anxiety, Depression and Maternal Stress. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 35–44. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012293035044>
- Rodrigues, O. M. P. R., Altafim, E. R. P., & Schiavo, R. de A. (2011). Práticas parentais de mães adultas e adolescentes com bebês de um a doze meses. *Aletheia*, 34(April), 96–108.
- Romero, M. P. (2015). *Coparentalidade : desafios para o casamento contemporâneo*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Sameroff, A. (2009). The transactional model of development: How children and contexts shape each other. Washington, DC: American Psychological Association.
- Schermann, L., Hagekull, B., Bohlin, G., Persson, K., & Sedin, G. (1997). Interaction between mother and infant born at risk during the first six months of corrected age. *Acta Paediatrica*, 86, 864-872
- Silva, A. T. B., & Loureiro, S. R. (2019). Boys with Internalizing and Externalizing Behavior Problems: A Case Control Study. *Temas Em Psicologia*, 27(1), 39–52. <https://doi.org/10.9788/tp2019.1-04>
- Silva, N., Nunes, C. C., Betti, M., & Rios, K. (2008). Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. *Temas Em Psicologia*, 16(2), 215–229.
- Silva, M. G. (2020) *Interação mãe bebê: influências do sexo do bebê e número de filhos*. Trabalho de Conclusão de Residência Multiprofissional em Saúde, Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
- Simões, S. C. C. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família*. Universidade do Porto.
- Taques, D. C S R; Rodrigues, O. M. P. R. (2006). Avaliação Do Repertório Comportamental De Bebês Nos Quatro Primeiros Meses De Vida : Uma Proposta Evaluation of the Behavioral Repertoire of Babies in the First. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*, 16(2), 77–87.
- Thompson, R. A. (1994). Emotion regulation: a theme in search of a definition. In N. A. Fox (Org.), The development of emotion regulation. Monographs of the Society for Research in Child Development. Vol. 59, 25-52
- Tronick, E., Als, H., Adamson, L., Wise, S., & Brazelton, T. B. (1978). The Infant's Response to Entrapment between Contradictory Messages in Face-to-Face Interaction. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 17(1), 1–13. [https://doi.org/10.1016/S0002-7138\(09\)62273-1](https://doi.org/10.1016/S0002-7138(09)62273-1)

- Tronick, E. Z., & Boston Change Process Study Group (2002). The increasing differentiation and non-transferability of ways of being together: The primary attachment is specific, not prototypical. *Journal Of Infant, Child and Adolescent Psychotherapy*, 12, 73-99.
- Varão, A. S. (2012). *Um jogo a dois : Interação mãe-bebé e auto-regulação infantil*. Instituto Politécnico de Lisboa.
- Weber, L. N. D., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(2), 227–237.
<https://doi.org/10.1590/s1413-294x2004000200004>
- Weber, L., Selig, G., Bernardi, M., & Salvador, A. (2006). Continuidade dos Estilos Parentais através das gerações: Transmissão intergeracional de Estilos Parentais. *Paideia*, 16(35), 407–414.
- Zornig, S. M. A.J.(2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalitico*, 42(2), 453-470.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Nome do Projeto: “ESTUDO SOBRE A INFLUENCIA DOS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS NA REGULAÇÃO EMOCIONAL INFANTIL”.

Nome da Pesquisadora Responsável: Verônica Aparecida Pereira – Telefone: (67) 3410-2310 / 99300279

Comitê de Ética da Universidade Federal de Dourados: cep@ufgd.edu.br –

Telefone (67) 3411-2857 - Rua João Rosa Góes, 1761 - Vila Progresso Dourados-MS 79825-070

Dados do sujeito:

Nome (mãe): _____ RG _____

Data de nascimento da mãe: _____

Nome (bebê): _____ Data de nascimento do bebê: __/__/__

Justificativa, objetivos e procedimentos: Estamos realizando uma pesquisa com mães e pais sobre as relações parentais durante o primeiro ano de vida do bebê. Essa pesquisa tem por objetivo descrever condições favoráveis ao vínculo e ao desenvolvimento infantil e possibilitar avaliação do crescimento e desenvolvimento do bebê e sua interação. As mães e pais serão solicitados a comparecerem ao hospital universitário, no primeiro, terceiro e sexto mês de vida do bebê, no Laboratório Serviço de Psicologia Aplicada, para avaliação do desenvolvimento do bebê, análise da interação mãe bebê, avaliação antropométrica e orientação nutricional para o bebê e sua mãe. Caso tenham dificuldade de deslocamento, poderão solicitar atendimento em domicílio. Durante a avaliação, responderão a entrevistas sobre: a gestação, condições do bebê desde o nascimento, saúde materna e relação mãe-bebê, bem como inventários sobre estresse e ansiedade e depressão pós-parto. Os bebês serão avaliados quanto ao desenvolvimento da linguagem, cognição, socialização, motricidade e autocuidados. Durante a avaliação da interação bebê haverá filmagem no terceiro e sexto mês de vida do bebê. Para a avaliação do desenvolvimento do bebê serão utilizados brinquedos infantis, devidamente esterilizados, assegurados pelas normas da ANVISA, bem como os protocolos da Escala Bayley de Desenvolvimento III. As sessões de avaliação e acompanhamento têm previsão de duração de 50 minutos. Durante todas as avaliações deverão estar presentes a mãe (ou cuidadora), o pai e o bebê. O risco do constrangimento do sujeito ao responder as perguntas será minimizado pelo ambiente sigiloso e acolhida cuidadosa do pesquisador (ou supervisora), que é devidamente preparado para acolher as questões apresentadas, isentas de qualquer julgamento ou exposição. Ainda assim, a pesquisadora se responsabiliza pela indenização e ressarcimento de qualquer dano ou prejuízo ocasionado pela pesquisa. Os benefícios esperados apontam para melhora na qualidade da relação mãe-pai-bebê, melhores condições de saúde dos pais e melhor desenvolvimento infantil.

Eu _____, RG _____, e _____, RG _____, abaixo assinado, estamos cientes de que fazemos parte de uma pesquisa sobre avaliação da relação mãe, pai bebê. Como pais do bebê participante da pesquisa, ao aceitar participar de entrevistas e avaliações do bebê, declaramos estar cientes: a) do objetivo do projeto; b) da segurança de que não seremos identificados e de que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas com nossa privacidade e c) de ter a liberdade de recusar a participar da pesquisa em qualquer momento, d) da ausência de ônus durante e depois da minha participação do projeto, e) de que os dados

poderão ser publicados respeitando o sigilo e anonimato da minha identidade e de meu filho; f) da assepsia do ambiente de avaliação e preparo das alunas que farão o atendimento tornam o procedimento seguro para nós e para o bebê.

Participantes

Pesquisadora

Durante as avaliações, quaisquer dúvidas ou esclarecimentos poderão ser solicitados, tanto à pesquisadora como à supervisora, verbalmente ou por escrito.

Para os bebês de risco (prematuros e/ou com histórico de deficiência) serão oferecidos serviços de estimulação precoce, pelas estagiárias do projeto. As mães e pais que apresentarem risco de depressão pós-parto ou níveis elevados de estresse e ansiedade, em razão do puerpério, serão encaminhadas a serviços de atenção psicológica do Serviço de Psicologia Aplicada da UFGD ou ao **CAPSad Dourados**, Rua Hilda Bergo Duarte, 865 – Centro - Dourados – MS,

- Concordo em participar incluindo a filmagem
- Concordo em participar excluindo a filmagem
- Discordo

Participante

Suzana Saab de Souza Zarske
Pesquisadora do projeto
suzanazarске@gmail.com
67 992276490

Orientadora e supervisora do projeto
veronicapereira@ufgd.edu.br – 3410-2310
]67 998881248

Dourados, _____, de _____, de 2018.

APÊNDICE B**ENTREVISTA INICIAL**

Data de início no projeto __/__/__

Identificação do Bebê:

Nome: _____ Sexo: _____ Data de Nascimento: __/__/__

Natural de: _____ Estado: _____

Filiação: Pai: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____ (especificar anos)

Mãe: _____ Idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____ (especificar anos)

Endereço: _____ Nº _____

Cidade: _____ CEP _____ Fone: _____

Entrevistado: () Mãe () Pai () Ambos () Outros _____

Dados sobre a família:

() Família Natural

() Família Adotiva

() Pai Falecido

() Mãe Falecida

() Pais Separados

() Divorciados

()

Mãe Solteira

() Outros _____

Membros da família: (incluir também o bebê e outros moradores)

	Nome	Idade	Instrução	Profissão	Salário	Trabalho (horário)	Estado Civil
Pai							
Mãe							
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
Obs							

Meios de Locomoção:

() Condução Própria

() Transporte Municipal (ônibus)

() Transporte Intermunicipal

() Outro _____

Informações Anteriores ao nascimento do bebê:

1. Saúde dos pais antes da gestação: () boa () ruim _____

Fuma: () Sim () Não

Fumou durante a gestação: () Sim () Não Quantos cigarros/dia: _____

2. Fez uso de substâncias como: () bebida () drogas em geral

Quais: _____

3. Fez pré natal: () Sim () Não Número de consultas pré-natais realizadas: _____

Quando foi a primeira consulta: _____ Se foi tardia, porque: _____

Menos de cinco consultas, porque: _____

4. Saúde da mãe durante a gestação: () boa () ruim

Porque: _____

Doenças: _____ Tratamento: _____

Internação (motivo): _____ Duração: _____

5. Ameaças de aborto : () Não () Sim Providências _____

6. A gravidez foi planejada: () Sim () Não Caso não: qual foi sua reação? _____

Apresentou outros problemas durante a gravidez? () Sim () Não

Quais: _____

Ganho de peso gestacional:

Peso antes da gestação

Peso ao final da gestação:

7. Algum fator de risco identificado: _____

8. Soube das condições do bebê antes do nascimento? () Sim () Não (EM CASO NEGATIVO, VÁ PARA QUESTÃO 9)

Caso sim: Quem deu a notícia? _____ Quando? _____

Como? _____

Quem estava com você? _____

Que orientações recebeu? _____

Como se sentiu diante disso? _____

Que atitudes tomou inicialmente? _____

9. Condições do Nascimento:

Local: () Hospital () Residência () Outros _____

Tipo de Parto: () Vaginal Natural () Vaginal/Fórceps () Cesárea

Caso cesárea, foi marcada antecipadamente? () Sim () Não

10. Houve problemas durante o parto ? () Sim () Não Quais? _____

Necessidade de manobras de reanimação: () Sim () Não () Ignorado

11. Internação hospitalar (do bebê): () Não () Sim Motivo: _____

Duração: _____

12.Semanas de gestação: _____ Peso ao nascer: _____ Altura: _____ Índice de Apgar: _____

13.Problemas de Saúde: () Não () Sim Motivo: _____

Tratamento Indicado: _____

14.Quem deu a informação sobre a condição do bebê? _____

15. Quanto tempo depois do parto? _____

16. Como foi dada a notícia? _____

Quem estava com você? _____

Como se sentiu ao receber estas informações? _____

Que orientações recebeu? _____

Como você avalia a forma como a notícia foi dada a você? _____

As informações poderiam ter sido de outra forma? Como? _____

17. Gostaria de ter mais informações sobre a condição do seu bebê, orientando-o durante o

primeiro ano de vida ? Sim () Não ()

Quais: _____

18. Haveria alguma dificuldade em participar do projeto de acompanhamento de bebês?

Sim () Não () Quais? _____

Informações sobre o bebê atualmente:

19. Problemas de saúde do bebê: () Não () Sim Motivo: _____

Tratamento indicado: _____

Pesquisadora: _____

Data: __/__/__

ANEXO 1

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Prematuridade: percepção materna, saúde emocional materna, interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil **Pesquisador:** Veronica Aparecida Pereira **Área Temática:**

Versão: 1

CAAE: 79881617.9.1001.5160

Instituição Proponente:Fundação Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD-MS

Patrocinador Principal: Fundação Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD-MS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.421.209

Apresentação do Projeto:

No presente projeto pretende-se identificar quais fatores influenciam a percepção materna da condição de internação do bebê na UTI Neonatal e, também, analisar a influência da prematuridade, da saúde mental materna e da percepção das mães da condição do bebê quando internado, sobre o desenvolvimento infantil e a interação mãe bebê. Para isso serão desenvolvidos dois estudos. O Estudo 1 objetiva investigar a relação entre a percepção das mães de bebês internados em UTI neonatal e as variáveis sociodemográficas e contextuais da mãe e do bebê. e Estudo 2, que visa:

- 1) Descrever e avaliar o desenvolvimento de bebês, aos três e nove meses de idade, considerando a saúde emocional de mães de bebês nascidos prematuros e a termo;
- 2) Descrever e avaliar a interação mãe-bebê, aos três e nove meses de idade, considerando a saúde emocional de mães de bebês nascidos prematuros e a termo;
- 3) descrever e avaliar o desenvolvimento de bebês, aos três, seis, nove e 12 meses de idade, considerando a interação entre mães e bebês nascidos prematuros e a termo e,
- 4) Avaliar a relação da interação entre a mãe e o bebê prematuro com a percepção dela sobre a condição do bebê quando internado em UTIN ou UI.

Serão convidadas mães e bebês usuárias dos serviços de programas de acompanhamento do desenvolvimento de bebês no primeiro ano de vida de dois serviços de Psicologia, de universidades públicas dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul (Grupo a termo – G1) e

UFGD - UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS / UFGD-MS

Continuação do Parecer: 2.421.209

mães com bebês internados na Unidade em UTIN (Grupo pré-termo – G2). Análises estatísticas descritivas, comparativas, correlacionais e inferenciais serão feitas entre os grupos. Os resultados obtidos podem indicar variáveis maternas ou do bebê que necessitam de ações protetivas para modificar e reduzir o impacto negativo das mesmas sobre a interação mãe-bebê e o desenvolvimento infantil. Variáveis contextuais serão analisadas considerando os diferentes locais de pesquisa (Dourados-MS e Bauru-SP).

Objetivo da Pesquisa:

A hipótese que fundamenta o presente estudo apoia-se nos estudos que indicam os impactos da prematuridade na dinâmica familiar. A literatura apresenta indicativos de que o nascimento prematuro requer uma série de adaptações e estratégias para a promoção da saúde da mãe e do bebê. Conhecer a percepção materna sobre os eventos presentes nesta condição diferenciada e as necessidades desenvolvimentais do bebê poderá favorecer a oferta de programas de intervenção precoce que fomentem melhores condições de saúde e desenvolvimento.

Objetivo Primário:

Identificar os fatores que influenciam a percepção materna da condição de internamento do bebê na UTI Neonatal e, também, analisar a influência da prematuridade e da saúde mental materna sobre o desenvolvimento infantil (relações antropométricas e desenvolvimentais) e a interação mãe-bebê. O Estudo 1 objetiva investigar a relação entre a percepção das mães de bebês internados em UTI neonatal e as variáveis sociodemográficas e contextuais da mãe e do bebê. e Estudo 2, que visa: 1) Descrever e avaliar o desenvolvimento de bebês (avaliação antropométrica e desenvolvimental) aos três e nove meses de idade, considerando a saúde emocional de mães de bebês nascidos prematuros e a termo; 2) Descrever e avaliar a interação mãe-bebê, aos três e nove meses de idade, considerando a saúde emocional de mães de bebês nascidos prematuros e a termo; 3) descrever e avaliar o desenvolvimento de bebês, aos três, seis, nove e 12 meses de idade, considerando a interação entre mães e bebês nascidos prematuros e a termo e, 4) Avaliar a relação da interação entre a mãe e o bebê prematuro com a percepção dela sobre a condição do bebê com histórico de internação após o nascimento (mais de três dias, menos de 15).

Objetivo Secundário:

Caracterizar os níveis de interação mãe-bebê, saúde materna e desenvolvimento infantil, na condição de prematuridade comparando estas variáveis às observações dos bebês nascidos à termo e aos dados sociodemográficos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora faz uma avaliação dos riscos bem detalhada bem com as formas de minimizar os riscos inerentes a pesquisa. Os benefícios são de grande valia para a sociedade pois este estudo que medir os impactos da prematuridade na dinâmica familiar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora aborda um tema de grande relevância, detalha muito bem o que pretende fazer no seu estudo, em acordo com as resoluções vigentes para pesquisas com seres humanos. Este protocolo de pesquisa foi analisado pelo que determina a resolução CNS no. 510/16, pois o estudo não tem intervenção direta sobre o corpo do participante da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou todos os termos de apresentação obrigatória exigidos pela resolução CNS no.

510/16.

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela APROVAÇÃO do referido protocolo de pesquisa tendo em vista que a pesquisadora atendeu o que determina a resolução CNS no. 510/16.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:



UFGD - UNIVERSIDADE
FEDERAL DA GRANDE
DOURADOS / UFGD-MS



Continuação do Parecer: 2.421.209

Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoinfraestrut.pdf	08/11/2017 18:17:23	Veronica Aparecida Pereira	Acelto
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	08/11/2017 18:17:03	Veronica Aparecida Pereira	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	investigbrochura.pdf	08/11/2017 14:57:53	Veronica Aparecida Pereira	Acelto
Outros	resolucaoFGH.pdf	08/11/2017 14:54:37	Veronica Aparecida Pereira	Acelto
Folha de Rosto	folhadestoprematuridade.pdf	08/11/2017 11:15:17	Veronica Aparecida Pereira	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DOURADOS, 07 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Leonardo Ribeiro Martins
(Coordenador)

Endereço: Rua Melvin Jones, 940

Bairro: Jardim América

CEP: 79.803-010

UF: MS

Município: DOURADOS

Telefone: (67)3410-2053

E-mail: cep@ufgd.edu.br

ANEXO 2

INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS PARA PAIS E MÃES DE BEBÊS

(Adaptado de Gomide, 2006, por Rodrigues & Schiavo, 2011, O.M.P. R.,)

O objetivo deste instrumento é estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas, a seguir, aquelas que mais refletem a forma como você educa seu/sua filho(a).

Identificação:

Nome: _____ Idade _____

Escolaridade: _____ Sexo: () M () F

Nome do filho(a): _____

COMPORTAMENTOS	Entre 10 Episódios, faça:		
	Sempre	Às Vezes	Nunca
	8 a 10 vezes	3 a 7 vezes	0 a 2 vezes
1. Quando meu filho(a) faz algo que me desagradar, o modo como respondo a ele depende do meu humor. (1)			
2. O meu trabalho atrapalha na atenção que dou ao meu filho(a). (2)			
3. Ameaço que vou bater ou ficar muito brava com meu filho(a), mas depois não faço nada (1)			
4. Bato com a mão ou com outros objetos no meu filho(a). (3)			
5. Procuro saber como meu filho está durante a minha ausência (4)			
6. Estabeleço uma rotina mas nunca consigo segui-la (5)			
7. Quando estou alegre não me importo com comportamentos do meu filho que me desagradam. (1)			
8. Meu filho, quando chora, procura qualquer outra pessoa, pois estou sempre ocupada. (2)			
9. Se meu filho chora, digo que não vou pega-lo, mas se ele insiste em chorar, acabo pegando (5)			
10. Percebo que meu filho(a) tem medo de mim. (3)			
11. Quando meu filho(a) está chorando procuro descobrir o que o incomoda. (4)			
12. Trato mal meu filho(a) quando estou nervosa(o), e assim que passa a raiva me arrependo. (1)			
13. Meu filho(a) fica com outras pessoas a maior parte do tempo. (2)			
14. Não faço horários para meu filho, as coisas acontecem naturalmente (5)			
15. Meu filho(a) fica fisicamente machucado quando bato nele. (3)			
16. Mesmo quando estou ocupado(a) ou viajando, telefono para saber como meu filho(a) está. (4)			
17. Quando estou nervoso, acabo descontando em meu filho(a). (1)			
18. Após ficar distante do meu filho quero saber como ele ficou (se chorou, se ficou bem, etc) (4)			
19. Sou mau-humorado(a) com meu filho(a). (1)			
20. Não sei dizer do que meu filho(a) gosta. (2)			
21. Aviso que não vou pegar meu filho no colo quando ele faz birra, mas na hora "H" fico com pena e o pego (5)			
22. Sou agressivo com meu filho(a). (3)			
23. Estabeleço uma rotina com meu filho e procuro cumpri-la. (4)			
24. Deixo os problemas do meu filho para os outros resolverem (2)			
25. Sou violento(a) com meu filho(a). (3)			